

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT01.109

TECENDO NARRATIVAS EM CARTAS PEDAGÓGICAS: REFLEXÕES DE ESTAGIÁRIOS DO CURSO DE PEDAGOGIA

William Teixeira Alves¹

RESUMO

Este trabalho apresenta uma investigação sobre o uso de cartas pedagógicas como dispositivo de reflexão, aprendizado e (auto)(trans)formação de estagiários do curso de Pedagogia, desenvolvido por meio de um minicurso. A abordagem metodológica é qualitativa, fundamentada na análise de narrativas e na produção de cartas, utilizando autores como Josso (2004, 2006) e Souza (2006) como base teórica. Inspirada pelos princípios de Paulo Freire, especialmente a educação como prática de liberdade e o diálogo horizontal (Freire, 1996; Peruzzo, 2024), a pesquisa busca promover um espaço de reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas dos estagiários. Os principais resultados indicam que as cartas fomentam o desenvolvimento de professores mais críticos, reflexivos e conscientes de seu papel social, fortalecendo a conexão entre teoria e prática. As narrativas permitem que os estagiários revisitem suas experiências, dialoguem com suas próprias histórias e as de seus pares, promovendo crescimento profissional e pessoal. Ademais, observa-se que essa prática potencializa a formação de identidades profissionais sólidas e contribui para a constituição de educadores capazes de atuar na

1 Mestre em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) – RJ professor do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação Tecnológica do estado do Rio de Janeiro (FAETERJ) - Rio de Janeiro, wyl.alvesl@gmail.com;

transformação social. Assim, a pesquisa evidencia a relevância das cartas pedagógicas como uma estratégia inovadora no processo formativo, capaz de promover uma educação mais reflexiva, dialógica e comprometida com a transformação social.

Palavras-chave: Cartas Pedagógicas, Formação de Professores, Reflexão, Narrativas, Educação Crítica

INTRODUÇÃO

Barra do Pirai, Outubro de 2025.

Prezados leitores e leitoras,

Apresenta-se aqui um recorte de uma pesquisa de doutoramento desenvolvida com estagiárias e estagiários do curso de Pedagogia de uma faculdade pública situada no interior do estado do Rio de Janeiro. A escolha pela escrita em forma de carta, embora pouco convencional na produção acadêmica, revela-se especialmente pertinente para o objeto em análise: as cartas pedagógicas como dispositivo formativo. A carta, nesse contexto, configura-se como um gênero textual que promove uma comunicação direta e reflexiva, incorporando a dimensão da escuta e do diálogo, elementos centrais para a constituição da prática docente. Ela oferece um espaço para o registro das experiências, dos sentimentos e das reflexões vivenciadas pelos sujeitos envolvidos, ampliando as possibilidades de interação e construção coletiva de sentidos.

O principal objetivo desta investigação consiste em compreender de que maneira as cartas pedagógicas contribuem para a construção da identidade profissional de futuros docentes, fortalecendo posturas éticas, críticas e comprometidas com a dimensão humana da educação. Para tanto, foram estabelecidos objetivos específicos, como identificar as percepções das estagiárias e estagiários sobre a escrita e leitura dessas cartas, analisar seu papel no desenvolvimento da consciência crítica e da postura reflexiva, e verificar os efeitos desses procedimentos na elaboração de uma docência sensível e comprometida.

A metodologia adotada neste trabalho fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, que valoriza a pesquisa participante e a análise interpretativa das cartas pedagógicas e das narrativas compartilhadas durante o minicurso Tecendo Narrativas em Cartas Pedagógicas. Essa opção metodológica dialoga com o caráter bibliográfico e qualitativo

da investigação, que se apoiou em estudos e artigos de diversos autores, integrando levantamento bibliográfico e pesquisa-formação. Essa última, inspirada na premissa de que o exercício docente é um processo contínuo de (auto)(trans)formação, o qual exige um olhar crítico e reflexivo sobre si mesmo e sobre os outros (Ribeiro e Santos, 2016).

A pesquisa-formação, ao unir saberes teóricos e práticos, buscou posicionar os professores no caminho da práxis, promovendo o desenvolvimento profissional por meio da elaboração e compartilhamento das cartas pedagógicas. Este processo possibilitou às 21 estagiárias do curso de Pedagogia inscritas no minicurso a investigarem suas experiências em sala de aula, favorecendo uma análise crítica que potencializa descobertas e o aprimoramento constante.

Ao centrar-se em textos produzidos por sujeitos diversos, com vivências formativas distintas, a abordagem qualitativa adotada possibilitou uma análise humanizada, que valoriza o universo de significados, motivações, aspirações, crenças e valores manifestos na fala e no escrever dos participantes. Conforme Martins (2014) e Minayo (1992), tal perspectiva promove a compreensão profunda dos comportamentos e processos a partir da visão dos próprios sujeitos, configurando-se como um gesto ético e comprometido em que os sujeitos deixam de ser meros objetos para se tornarem agentes ativos no processo formativo.

Destaca-se, portanto, que a carta pedagógica atua não simplesmente como um instrumento de comunicação, mas como um dispositivo que devolve às estagiárias suas próprias palavras numa forma enriquecida e reconhecida, produzindo um impacto profundo na construção de sua identidade profissional em constante desenvolvimento. Tal prática evidencia o valor das vivências e dos pensamentos que emergem do processo formativo e ressignifica a escrita como ato de reconhecimento e dignidade. Como aponta Paulo Freire, ensinar é um ato político e ético que transcende a mera transmissão de conhecimentos, ele exige humildade, escuta e comprometimento com o outro.

É relevante considerar que as experiências compartilhadas pelas estagiárias revelam a potência da carta pedagógica para promover a reflexão crítica sobre as condições reais de ensino-aprendizagem, articulando teoria e prática, emoção e razão, individuais e coletivas. Esse aspecto fortalece a docência como um espaço de resistência, criatividade e esperança, capaz de transformar o cotidiano escolar por meio de uma prática mais humana e comprometida. Nesse sentido, este estudo reafirma a importância de cultivar espaços formativos que integrem escuta ativa, escrita reflexiva e afetividade para fortalecer a identidade e a postura ética dos futuros professores.

Os resultados preliminares indicam que o uso das cartas pedagógicas no processo formativo das estagiárias de Pedagogia promoveu um espaço significativo de escuta, reflexão crítica e reconstrução identitária. As participantes demonstraram maior consciência sobre a dimensão ética, política e afetiva do ato de ensinar, reconhecendo a importância da postura dialógica e da humildade docente para construir uma prática educativa humanizada e comprometida com a vida dos educandos. Nesse contexto, a carta pedagógica se revelou um dispositivo pedagógico potente, capaz de registrar experiências, emoções e saberes, devolvendo às cursistas suas próprias narrativas em forma elaborada e carregada de escuta, o que contribui para a construção da identidade profissional e para o fortalecimento do sentimento de pertencimento. A escrita e a leitura coletiva das cartas favoreceram o reconhecimento de suas próprias vozes, estimulando o envolvimento no processo formativo como um movimento contínuo de construção de saberes e sentidos

Assim, esta contribuição pretende trazer elementos para o debate sobre a formação de docentes, enfatizando a necessidade de valorizar formas de expressão e interação que consolidem a docência como território de lutas, aprendizagens e renovação permanente. Que as experiências e os relatos aqui revisitados possam inspirar novas práticas formativas e reforcem a importância da educação como movimento vivo, ético e transformador.

METODOLOGIA

Caro(a) leitor(a),

No que diz respeito aos caminhos, ou seja, os aspectos metodológicos, este trabalho se configura em uma pesquisa-formação de natureza qualitativa em educação, por compreendê-la como um caminho que corresponde aos objetivos da pesquisa e por evidenciar a necessidade de compreensão dos processos (auto)(trans)formativos dos sujeitos da pesquisa, neste caso: as cursistas estagiárias do curso de Pedagogia, suas histórias de vida e a compreensão do processo de formação ao qual estão imersos.

O conceito de “pesquisa-formação”, conforme delineado por Josso (2004), é central para a compreensão dos princípios e objetivos que orientam esta pesquisa. Diferente das abordagens tradicionais, em que o pesquisador muitas vezes assume uma postura distante e objetiva, a pesquisa-formação propõe um envolvimento profundo e ativo do pesquisador-formador no processo de construção de significados e conhecimentos. Nesta perspectiva, o pesquisador não se limita a observar e analisar o que acontece no campo, mas participa diretamente da dinâmica formativa, tornando-se parte integrante do processo.

O minicurso “Tecendo Narrativas em Cartas Pedagógicas” foi realizado presencialmente em uma faculdade do interior do estado do Rio de Janeiro, situada na cidade de Três Rios, e começou com uma divulgação cuidadosa entre os estagiários e as estagiárias do curso de Pedagogia. A inscrição foi feita por meio de um link de formulário on-line, que possibilitou às interessadas manifestar o desejo de participar desse processo formativo. O convite era simples, mas profundo: refletir, narrar e compartilhar suas experiências de estágio por meio da escrita de cartas pedagógicas.

Ao todo, vinte e uma estudantes se inscreveram, movidas pelo desejo de compreender-se como futuras professoras e de dialogar com outras que viviam desafios semelhantes. A partir dessas inscrições, formamos um

grupo que, pouco a pouco, foi se tornando um espaço de confiança, de escuta e de construção coletiva. Das vinte e uma inscritas, dez alunas aceitaram o desafio de disponibilizar suas cartas para análise nesta pesquisa, permitindo que seus escritos se tornassem fios visíveis na tessitura deste estudo. Esse gesto foi, para mim, um ato de coragem e compromisso, pois cada carta carregava não apenas palavras, mas histórias, emoções e marcas de uma formação em processo.

Realizamos cinco encontros, número definido pelas possibilidades institucionais da Faculdade onde se deu a pesquisa. Mesmo com o tempo curto, cada encontro foi vivido intensamente, com o coração aberto e a escuta atenta.

No primeiro encontro, apresentei a proposta do minicurso e o contexto da pesquisa, situando o grupo no que pretendíamos construir juntos. Foi o momento de apresentar o gênero carta pedagógica, suas origens, sentidos e potencialidades. Em roda de conversa, as participantes falaram de suas experiências nos estágios supervisionados, compartilhando aprendizados, dúvidas, alegrias e desafios. Esse diálogo, carregado de emoção e autenticidade, revelou o quanto o gênero epistolar desperta afetos e provoca reflexões profundas, mesmo em tempos de comunicação instantânea.

Ainda nesse primeiro encontro, compartilhei algumas obras de Paulo Freire escritas em formato de carta, como Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar (1993), Cartas a Cristina (1994) e Pedagogia da Indignação (2000), destacando o modo como o educador se aproximava de seus leitores com uma linguagem amorosa, comprometida e dialógica. Dialogamos sobre o porquê de Freire ter escolhido esse gênero para se comunicar: porque a carta cria laços, desperta afetos e convida o leitor ao diálogo, aproximando o pensar e o sentir, o saber e o viver.

Além dessas, apresentei rapidamente outras obras do autor, mencionando como, em diferentes momentos de sua trajetória, Paulo Freire fez uso da escrita epistolar para manter vivo o diálogo com educadores e educadoras do mundo todo. Cartas que falavam de esperança, de com-

promisso ético, de indignação diante das injustiças e da necessidade de manter viva a ternura na prática educativa.

Foi também nesse momento que apresentei a obra que nos acompanharia como fio condutor das reflexões ao longo do percurso: *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa* (1996), que nos guiaria na compreensão de que ensinar é um ato ético, estético e político.

Durante esse encontro inicial, firmamos também um acordo formativo e afetivo: a cada novo encontro, eu, o formador, escreveria uma carta endereçada às cursistas, expressando minhas impressões, sentimentos e reflexões sobre o que havíamos vivido juntos. Assim foi: a cada início de encontro, eu lia minha carta para o grupo, abrindo o espaço para o diálogo e a emoção. Esse gesto tornou-se um ritual de reencontro, um modo de começar sempre a partir da escuta e da palavra que nasce da experiência vivida.

Encerramos aquele primeiro encontro com um convite: cada cursista deveria escrever sua primeira carta pedagógica, uma carta de apresentação, em que se apresentassem, falassem de suas motivações, de suas vivências no estágio e de suas expectativas com o minicurso. Cada uma escolheu uma colega para compartilhar sua carta, inaugurando o movimento de leitura e escuta que marcaria todo o percurso.

O que nasceu dali foi mais que um exercício de escrita: foi o início de uma rede de narrativas, tecida com afeto, reflexão e compromisso. Ao longo dos encontros seguintes, seguimos escrevendo, lendo e nos reconhecendo nas palavras umas das outras.

Escrever, ali, foi mais do que registrar, foi existir com o outro, compreender que cada carta é um gesto de amor, de resistência e de formação.

Como nos ensinou Paulo Freire, educar é sempre um encontro entre sujeitos que se humanizam mutuamente, e foi exatamente isso que vivemos em cada linha, em cada leitura, em cada silêncio compartilhado.

O segundo encontro teve início com a leitura da carta escrita pelo formador às cursistas, compartilhando reflexões e impressões acerca do primeiro momento do minicurso. Essa leitura funcionou como dispo-

sitivo de retomada e sensibilização, fortalecendo o vínculo formativo e instaurando um clima de escuta e afetividade. Em seguida, algumas participantes realizaram a leitura de suas cartas de apresentação, produzidas no encontro anterior, o que possibilitou momentos de reconhecimento e identificação entre o grupo, fortalecendo o sentimento de pertencimento à experiência.

Na sequência, foi desenvolvido o estudo orientado do primeiro capítulo da obra *Pedagogia da Autonomia: Não há docência sem discência*, de Paulo Freire. O texto serviu como ponto de partida para discussões sobre o sentido da inconclusão humana, o papel do professor e do aluno no processo de ensino e aprendizagem e a compreensão da docência como um ato compartilhado e dialógico. As reflexões foram ampliadas a partir do subcapítulo “Ensinar exige rigorosidade metódica”, favorecendo um debate sobre o equilíbrio entre rigor e liberdade, e sobre o compromisso ético e investigativo que deve orientar a prática educativa.

Como encaminhamento final, foi proposto que cada cursista escrevesse uma nova carta pedagógica, inspirada nas leituras e discussões realizadas, registrando suas percepções, sentimentos e aprendizagens. Essa escrita teve como objetivo favorecer a articulação entre teoria e prática, consolidando a carta como instrumento de reflexão e formação docente.

O terceiro encontro teve como metodologia a continuidade das leituras e reflexões sobre a obra *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, aprofundando-se nos subcapítulos “Ensinar exige pesquisa”, “Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” e “Ensinar exige criticidade”. O encontro foi estruturado em três momentos principais: retomada das vivências anteriores, estudo dirigido com leitura compartilhada e roda de diálogo formativo.

Iniciamos com a leitura da carta escrita pelo formador, retomando os aprendizados e emoções do encontro anterior. Essa leitura manteve o caráter ritualístico do curso, reforçando a dimensão afetiva e reflexiva da escrita como elo entre teoria e experiência.

Em seguida, procedeu-se à leitura e análise coletiva dos subcapítulos selecionados, com destaque para a compreensão da docência como prática investigativa e para o papel do professor como pesquisador de sua própria realidade. As cursistas foram convidadas a relacionar as ideias de Freire com suas experiências de estágio supervisionado, refletindo sobre o diálogo entre saberes escolares e saberes da vida.

Durante a roda de conversa, as participantes compartilharam vivências que ilustravam a importância do respeito aos saberes dos alunos e da escuta sensível no cotidiano escolar. Essas narrativas possibilitaram o reconhecimento da docência como prática ética, estética e política, atravessada por sentimentos de indignação e compromisso.

O encontro foi finalizado com o convite para que cada cursista produzisse uma nova carta pedagógica, inspirada nas discussões realizadas, abordando suas percepções sobre o papel do professor pesquisador e sobre os desafios de ensinar com criticidade e sensibilidade. Essa proposta buscou consolidar o exercício da escrita como ferramenta de reflexão formativa e de expressão de uma prática docente comprometida com a humanização e a transformação social.

O quarto encontro do minicurso teve como eixo o estudo do terceiro capítulo da obra *Pedagogia da Autonomia : Ensinar é uma especificidade humana*, de Paulo Freire. A metodologia utilizada manteve a estrutura já consolidada nos encontros anteriores, preservando o caráter dialógico e afetivo da formação. O momento inicial foi dedicado à leitura da carta escrita pelo formador, retomando as reflexões e vivências do encontro anterior. Essa leitura, mais uma vez, serviu como dispositivo de aproximação entre teoria e experiência, promovendo a escuta sensível e o reconhecimento do vivido.

Na sequência, procedeu-se à leitura compartilhada e discussão dos subcapítulos do terceiro capítulo da obra, com destaque para *Ensinar exige segurança*, *Ensinar exige competência profissional e generosidade*, *Ensinar exige comprometimento*, *Ensinar exige liberdade e autoridade*, *Ensinar exige tomada consciente de decisões* e *Ensinar exige querer bem aos educan-*

dos. As cursistas relacionaram os conceitos freireanos às suas experiências de estágio supervisionado, trazendo à tona narrativas de formação, exemplos de práticas vividas e reflexões sobre o papel ético, político e humano do educador.

O diálogo coletivo revelou uma compreensão ampliada do ato de ensinar como prática relacional e de presença. As falas das cursistas demonstraram o amadurecimento do grupo em relação à compreensão de que a docência é um exercício de humanidade, que exige escuta, coerência e posicionamento. A afetividade, a generosidade e o compromisso ético emergiram como dimensões constitutivas da prática pedagógica.

Como encaminhamento final, foi proposta a produção de uma nova carta pedagógica, na qual cada participante deveria expressar, em forma de narrativa pessoal, o que significa “ensinar como especificidade humana”. A escrita buscou consolidar as aprendizagens do encontro, articulando a reflexão teórica freireana com as vivências formativas das cursistas.

O quinto e último encontro do minicurso foi concebido como um espaço de síntese, celebração e reflexão sobre todo o percurso vivido. Diferentemente dos anteriores, não se tratou de um momento de estudo de um novo capítulo, mas de revisitação das experiências e reconstrução das aprendizagens. O encontro, realizado no dia 30 de junho de 2025, teve como proposta metodológica criar um ambiente de diálogo aberto e afetivo, em que as cursistas pudessem articular as reflexões teóricas de Paulo Freire com suas vivências no estágio supervisionado, a partir da escrita e leitura de cartas pedagógicas.

O encontro iniciou-se com uma roda de conversa, retomando os principais aprendizados, afetos e descobertas dos quatro encontros anteriores. Em seguida, as cursistas foram convidadas a refletir sobre o processo de escrita das cartas pedagógicas, compartilhando como essa prática impactou suas trajetórias formativas. A metodologia adotada manteve o caráter dialógico e coletivo do minicurso, valorizando a escuta sensível, a fala autêntica e o reconhecimento do outro como parte essencial do processo de formação.

A atividade central consistiu na leitura e partilha das cartas finais, nas quais as estagiárias expressaram, com emoção e lucidez, o que o percurso significou em suas vidas pessoais e profissionais. As narrativas revelaram o amadurecimento das participantes quanto ao papel do professor como sujeito ético, político e humano, e destacaram a potência da carta pedagógica como dispositivo formativo que integra teoria e prática, razão e emoção, reflexão e ação.

Dando continuidade a esse movimento de escuta e escrita, as reflexões produzidas ao longo do minicurso, bem como todas as cartas compartilhadas pelo formador e pelas cursistas, estão sendo reunidas em um livro intitulado “Tecendo Narrativas em Cartas Pedagógicas”. Essa publicação nasce do desejo de eternizar o percurso vivido e de ampliar o alcance das vozes que, em cada linha, revelam a beleza e a complexidade da formação docente. O livro reunirá cartas que registram descobertas, inquietações e afetos, transformando-se em um testemunho coletivo da força da escrita como ato formador. Assim, o que começou como um espaço de partilha e reflexão em um minicurso se prolonga agora em uma obra que pretende inspirar novos educadores, fortalecer a pesquisa-formação e reafirmar a carta pedagógica como prática viva, afetiva e transformadora na educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao nos aproximarmos da etapa conclusiva deste estudo, cabe destacar que os resultados e discussões aqui apresentados configuram uma análise preliminar do processo formativo investigado. Neste momento, estamos finalizando as análises das narrativas contidas nas cartas pedagógicas, o que nos permite compreender mais profundamente as experiências, reflexões e emoções expressas pelas estagiárias ao longo do minicurso. Essa fase conclusiva viabiliza a sistematização dos principais achados, contribuindo para a construção de uma visão integrada sobre a formação docente em movimento. Assim, reafirmamos o compromisso com o rigor

analítico e com o respeito à voz das participantes, enquanto avançamos para a finalização da pesquisa e suas considerações finais.

O que se pode perceber até esta fase da caminhada é um expressivo processo de valorização da voz dos sujeitos envolvidos, evidenciando a potência da escrita como ferramenta formativa capaz de promover não apenas a reflexão, mas também o fortalecimento da autoestima e do protagonismo das futuras professoras e professores. A partir da produção e da recepção das cartas pedagógicas, observamos um forte movimento de reconhecimento da voz dos sujeitos, o que reafirma a importância da escrita como dispositivo formativo capaz de promover não apenas a reflexão, mas também o fortalecimento da autoestima e do protagonismo das futuras professoras.

Esse aspecto destaca a carta pedagógica como um espaço de resistência ética e política, que vai além do registro de experiências para se configurar em um rito de formação humana e docente. Ao longo dessa caminhada, a carta se revela não apenas como um instrumento de documentação, mas como um elo afetivo e cognitivo que possibilita o deslocamento dos sujeitos em direção à construção de identidades profissionais críticas, comprometidas e transformadoras. Dessa forma, o processo formativo se efetiva na interação entre o escrever, o ser ouvido e o reconhecer-se no outro, revelando a dimensão ética e política intrínseca ao ato de ensinar e aprender

Sob a perspectiva da escuta, que se revela como postura política e fundamento ético do processo educativo, percebemos que este gesto tem potencial para transformar momentos comuns de formação em vivências significativas de compartilhamento e pertencimento, ultrapassando práticas tradicionais e autoritárias. Tal constatação corrobora a direção freireana que orienta esta pesquisa, em que o ensinar é compreendido como um ato humano, repleto de responsabilidade afetiva e política.

Ainda preliminar, a análise aponta para a pesquisa como atitude comprometida, implicada e ética, que se distancia do distanciamento tradicional dos métodos investigativos para favorecer a construção com-

partilhada do saber na relação formador-formando. Esse aspecto abre caminho para reflexões mais aprofundadas acerca de metodologias formativas que dialoguem com os princípios da pedagogia crítica.

As cartas das cursistas também ressaltam a complexidade e o desafio inerente à prática de ensinar, evidenciando a necessidade de uma postura reflexiva e comprometida que vai além da mera transmissão de conteúdos. Elas destacam, por exemplo, a importância de reconhecer as condicionantes sociais, culturais e históricas que incidem sobre os alunos, o que exige do professor uma sensibilidade apurada para atender à diversidade das experiências e realidades presentes em sala de aula. Essa compreensão se alia à percepção de que a docência demanda tempo, dedicação e constante reinvenção, afastando-se da rotina mecanicista e acomodada que muitas vezes prevalece, para abraçar uma ética do cuidado e da responsabilidade que valorize a singularidade de cada educando.

Outro aspecto relevante que emerge das cartas é o impacto transformador do gesto pedagógico que envolve a escuta ativa e humanizada, capaz de construir vínculos de confiança e pertencimento entre docentes e discentes. As narrativas partilhadas revelam como momentos de vulnerabilidade e medo, quando acolhidos com empatia, podem ser ultrapassados, gerando espaços seguros para o desenvolvimento do pensamento crítico e da expressão pessoal. Além disso, as cartas são vistas não apenas como registros, mas como dispositivos que fortalecem a identidade profissional das cursistas, ao lhes permitirem revisar suas histórias, reconhecer suas lutas e aprendizagens, e assim se posicionar como agentes de mudança comprometidos com uma educação mais justa e humana.

A partir das reflexões expressas nas cartas, observa-se que as cursistas percebem a carta pedagógica como um dispositivo potente de formação contínua, capaz de dialogar diretamente com suas experiências vividas em estágio e cotidiano escolar. Ela abre um espaço para a autoanálise e o autoconhecimento, permitindo às futuras professoras reconhecerem suas fragilidades e potencialidades, assim como o impacto de suas atitu-

des e posturas na construção de ambientes educativos mais acolhedores e críticos. A carta pedagógica, portanto, não é apenas uma ferramenta comunicativa, mas um gesto político que preserva, confere voz e resgata a humanidade na relação entre ensinar e aprender.

Ademais, as cursistas destacam que a carta pedagógica funciona como um elo entre teoria e prática, promovendo um espaço de diálogo onde as vozes individuais se entrelaçam e constroem coletivamente saberes significativos. Essa prática de escrita e leitura compartilhada potencializa a escuta ativa e a reflexão crítica, fortalecendo o sentido de pertencimento e a construção de uma identidade docente autêntica e engajada.

Elas compreendem que, ao registrar suas experiências e desafios em cartas, estão efetivando um processo de resistência à desumanização da escola e afirmando a educação como um espaço de transformação social e afetiva.

Portanto, embora estes resultados sejam ainda iniciais, eles já indicam caminhos promissores para a compreensão do fazer docente como um processo em movimento constante, marcado pela ética, pela escuta e pelo compromisso com a transformação social, evidenciado especialmente por meio da prática da carta pedagógica. Essa ferramenta se configura não apenas como um instrumento de registro, mas como um espaço de construção coletiva de saberes, onde o diálogo, o reconhecimento mútuo e a reflexão crítica se entrelaçam, proporcionando aos educandos e educadores a oportunidade de se reconhecerem autores e sujeitos ativos no processo formativo. A carta pedagógica atua como gesto político e pedagógico que fortalece a identidade profissional, valoriza as experiências vividas e as coloca em circulação, contribuindo para uma docência mais humana, comprometida e transformadora. Futuros desdobramentos deste trabalho buscarão aprofundar essas observações, ampliando a análise dos dados coletados e promovendo interlocuções teóricas mais robustas que apoiem a elaboração das conclusões finais da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caro(a) leitor(a),

Se você chegou até aqui, certamente percebeu que este trabalho não foi apenas uma investigação acadêmica, mas uma travessia feita de vozes, afetos e aprendizagens. Cada carta escrita, lida e compartilhada neste percurso revelou a potência da palavra como gesto de formação e reconhecimento. Ao longo das páginas, foi possível perceber que escrever é também um modo de existir, de se encontrar com o outro e de se redescobrir como sujeito em constante construção.

As cartas pedagógicas, mais do que um simples exercício de escrita, mostraram-se caminhos de reflexão e de (auto)(trans)formação. Em cada uma delas, emergiram histórias de coragem, de incerteza e de esperança, sentimentos que tecem a docência e a tornam humana. Assim como Paulo Freire nos ensinou, o ato de ensinar exige humildade, escuta e compromisso com a vida. Foi isso que cada estagiária experimentou: um processo de aprender com o próprio caminhar, de transformar a si e ao mundo pela palavra.

Ao revisitarmos essas narrativas, reafirmamos a carta pedagógica como um dispositivo formativo e político que une razão e emoção, teoria e prática, formando professores mais críticos, sensíveis e conscientes de seu papel na transformação social. Ela é, antes de tudo, um convite à escuta, um exercício de empatia e um espaço de resistência diante da desumanização que muitas vezes ronda o cotidiano escolar.

Como desdobramento natural desse processo, as experiências vividas, as reflexões compartilhadas e todas as cartas produzidas ao longo do minicurso estão sendo cuidadosamente organizadas em um livro intitulado “Tecendo Narrativas em Cartas Pedagógicas”. Essa obra nasce do desejo de manter vivo o diálogo iniciado durante o percurso formativo, ampliando seu alcance e permitindo que novas vozes e olhares se reconheçam nesse tecido coletivo de histórias. Cada carta, ao ser publicada,

torna-se também um testemunho do poder da escrita como ato formador e um convite para que outros educadores se inspirem a narrar suas próprias vivências, construindo saberes a partir da escuta e da partilha.

Mais do que registrar uma experiência, o livro pretende celebrar a força da docência como prática viva, ética e afetiva. Ele simboliza a continuidade de um processo que não se encerra no minicurso, mas se expande como rede de memórias, aprendizagens e esperanças. Assim, o que começou como um movimento de escrita entre formador e cursistas transforma-se agora em um legado de reflexão e amor pela educação, reafirmando que a formação docente se tece cotidianamente, nas palavras, nas experiências e nos encontros que nos humanizam.

Finalizo esta carta com o coração cheio de gratidão. Agradeço por sua leitura atenta e por ter percorrido comigo este caminho de palavras e sentidos. Que as reflexões aqui partilhadas possam inspirar novas práticas, novos olhares e novas cartas. E que, ao fechar estas páginas, você também sinta o desejo de escrever, porque toda carta é, no fundo, uma ponte entre almas que acreditam na força da educação e no poder transformador do encontro.

Com apreço e esperança,
William Teixeira Alves

REFERÊNCIAS

ALVES, William Teixeira. **A formação do licenciando e o estágio supervisionado**: o curso de pedagogia da UFRRJ/Nova Iguaçu. 2015. 86 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Educação / Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2015.

ALVES, W.T (org). Cartas Pedagógicas: Experiências dos Estagiários do Curso de Pedagogia da FAETERJ na Pandemia. São Carlos: Pedro e João Editores, 2022.

BERINO, Aristóteles. **Interminados, Criadores e Sonhadores**: O Problema da Estética em Paulo Freire. Revista de Estudos Culturais. São Paulo: EACH USP. p. 24-38, 2020.

BERINO, Aristóteles, CABRAL, Talita. Cartas sobre a Discência e a Docência On-Line: Uma Experiência com Paulo Freire. Rio de Janeiro: REDOC. p. 175-190, set./dez. 2022. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/viewFile/60136/39563>. acessado em 17 de maio de 2022.

CAMINI, Isabela. **Cartas pedagógicas**: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. Porto Alegre: ESTEF, 2012.

_____. **Cartas Pedagógicas** – aprendizados de uma vida. Cadernos de Educação, n. 65, 15 dez. 2021.

_____. La Salle - **Revista de Educação**, Ciência e Cultura, v. 15, n. 2, jul./dez. 2010.

_____. (2021). Cartas Pedagógicas – aprendizados de uma vida. **Cadernos De Educação**, (65). Disponível em: <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i65.22087>. Acesso em ago. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001a.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo, Paz e Terra, 2001b.

_____. **Educação e Mudança**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

_____. **Cartas à Guiné-Bissau**: registro de uma experiência em processo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 4 ed., 2021.

_____. **Cartas a Cristina:** reflexões sobre minha vida e minha práxis. Organizado por Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

_____. **Carta de Paulo Freire aos Professores.** Revista Estudos Avançados, n. 15 (42), ano 2001.

_____. **Professora sim, tia não.** Cartas a quem ousa ensinar. Editora Olho D'Água, 10ª ed, 1983.

_____. A alfabetização de adultos: crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica. In: Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. Arquivo PDF. Disponível em: http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/A%C3%A7%C3%A3o_Cultural_para_a_Liberdade.pdf. Acesso em: jul. de 2024.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento:** destinos socioculturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: SOUZA, E. C.; MENNA-BARRETO, M. H. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções:** a invenção de si. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento.** São Paulo: Hucitec, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** In: O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 1992. p. 269-269.

PERUZZO, Cecília M. Krohling. **Fundamentos Teóricos da Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa.** Vitória, ES: Edufes, 2024. 266 p. (Coleção Pesquisa Ufes; 58) ISBN: 978-85-7772-571-7.

PERUZZO, C. M. K., Bassi, I. G. ., & Silva Junior, C. H. F. **Diálogo em Paulo Freire nas interfaces com a comunicação popular e comunitária e a pesquisa participante.** Comunicação & Educação, 27(2), ano 2022, 33-48. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v27i2p33-48>.

_____. C. M. K. **Ideias de Paulo Freire aplicadas à Comunicação popular e comunitária.** *Revista FAMECOS*, 24(1), ano 2017. ID24207. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2017.1.24207>

SOUZA, E.C.de (Org.). **Autobiografias, História de Vida e Formação:** pesquisa e ensino. Salvador/Bahia: EDUNEB - EDIPUCRS, 2006.

_____. **Histórias de vida e formação de professores.** São Paulo: Quarteto, 2008.

SOUZA, Leandra Silva Gomes; CABRAL, Maria Regina Martins. **Paulo Freire:** por uma teoria e práxis transformadora. In: BOTO, C., ed. *Clássicos do pensamento pedagógico: olhares entrecruzados.* Uberlândia: EDUFU, 2019. História, Pensamento, Educação collection. Novas Investigações series, vol. 9. I